

Grupo NÓ(S) - Pesquisa e criação em arte e educação: propostas integradas para a formação e atuação de professores de música na educação básica

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: Educação Musical

Helena Lopes da Silva
Universidade Federal de Minas Gerais
helopes@ufmg.br

Jussara Fernandino
Universidade Federal de Minas Gerais
jussarafernandino@ufmg.br

Resumo. Este trabalho apresenta o Grupo NÓ(S), um grupo de pesquisa e coletivo de artistas, professores e estudantes que se interessam pelas temáticas de formação de professores, bem como pelo diálogo e integração entre as perspectivas epistemológicas e metodológicas dos diferentes campos artísticos. Em direção oposta à concepção de polivalência, o grupo tem como propósito compartilhar experiências e o potencial dos diferentes campos artísticos presentes, buscando um processo de pesquisa de estrutura interativa, em intercâmbio de saberes. A intenção é estabelecer parcerias e apoio mútuo em prol da valorização da Arte como campo de conhecimento e da expansão de seu espaço no meio educacional. Por meio da apresentação de práticas e projetos desenvolvidos no contexto da educação básica, as autoras apresentam possibilidades de propostas de ensino de música em diálogo com os outros campos da arte. Proposições mediadoras (Celeste, 2015); perspectivas interartes e contemporaneidade (Archer, 2001, Clüver, 1997; Schafer, 1991) são referenciais que fundamentam as análises dos projetos desenvolvidos nas escolas que apresentamos neste artigo. Os resultados dos trabalhos apresentados apontam que as propostas interartes tem o potencial de despertar as subjetividades dos alunos, permitindo que demonstrem seus afetos, saberes, contribuindo para o respeito da diversidade de ideias. Em relação à formação de professores em música, o artigo indica a necessidade de se ampliar o escopo das discussões e práticas musicais para a atuação na educação básica.

Palavras-chave. Educação básica, Formação de professores, Artes integradas.

NÓ(S) Group - Research and Creation in Art and Education: Integrated Proposals for the Training and Performance of Music Teachers in Basic Education.

Abstract. This paper presents the NÓ(S) Group, a research group and collective of artists, teachers and students who are interested in teacher training issues, as well as in dialog and integration between the epistemological and methodological perspectives of different artistic fields. In the opposite direction to the concept of polyvalence, the group aims to share experiences and the potential of the different artistic fields present, seeking a research process with an interactive structure, in an exchange of knowledge. The intention is to establish partnerships and mutual support for the valorization of Art as a field of knowledge and the expansion of its space in the educational environment. By presenting practices and projects developed in the context of basic education, the authors present possible proposals for teaching music in dialog with other fields of art. Mediating proposals (Celeste, 2015);

inter-arts perspectives and contemporaneity (Archer, 2001, Clüver, 1997; Schafer, 1991) are the references that underpin the analysis of the projects developed in the schools presented in this article. The results of the work presented show that inter-arts proposals have the potential to awaken students' subjectivities, allowing them to demonstrate their affections and knowledge, contributing to respect for the diversity of ideas. With regard to the training of music teachers, the article points to the need to broaden the scope of musical discussions and practices for work in basic education.

Keywords. Basic Education, Teacher Training, Integrated Arts

NÓ(S)
peçoas: coletivo de gente, casa comum
NÓ(S)
pontas que se atravessam, pontos que fiam cirandas e redes
NÓ(S)
da madeira... e, também. do som, do papel, do corpo e do gesto
NÓ(S)
da questão, das questões, do invento, ao lugar que leva o vento
NÓ(S)
de navegantes, riscam a curva da terra, miram aquém e além-mar
NÓ(S)
da garganta, do grito, do rasgo, do ato-e-desata
NÓ(S)
singular e plural, para se fazer a coisa (in)certa - experimental!

NÓ(S) é um coletivo de artistas, professores e estudantes, e seu nome indica os vínculos entre pessoas, saberes e conhecimentos. Implica também os liames entre a arte e a educação, o diálogo entre a universidade e a educação básica, e a utopia da democratização nestes campos. Suscita, ainda, os nós górdios que nos impõe as políticas públicas nestas áreas, mas também aqueles trazidos pela inquietude e confrontados pelos atos de investigação e criação. O Grupo NÓ(S): Pesquisa e Criação em Arte e Educação foi concebido em abril de 2022 por professores de Artes Visuais, Dança, Música e Teatro que atuam em diferentes unidades acadêmicas da Universidade Federal de Minas Gerais, a saber: Centro Pedagógico, Escola de Belas Artes, Escola de Música e Faculdade de Educação. Além da atuação nos cursos de licenciatura e pós-graduação da instituição, os professores integram os programas institucionais de formação docente Pibid e Residência Pedagógica. Dessa forma, os professores e pesquisadores que compõem esse grupo se interessam pelas temáticas de formação de professores, bem como pelo diálogo e integração entre as perspectivas epistemológicas e metodológicas dos diferentes campos artísticos.

Em nosso entendimento, a criação de um grupo de pesquisa integrado por professores/pesquisadores e alunos de graduação e pós-graduação advindos de diferentes áreas de conhecimento do campo das artes, potencializa a implementação de pesquisas inter ou

transdisciplinares que podem contribuir para a ampliação de possibilidades metodológicas contemporâneas e inclusivas em diferentes contextos de educação, em especial, no contexto da educação básica.

Pensar as artes na educação básica

O modelo escolar atual, segundo Nóvoa (2019), está em processo de desagregação. Em transição, a escola encontra-se presa a aspectos do passado, sem conseguir, ainda, pensar o futuro e responder aos desafios da contemporaneidade. Há dinâmicas de inovação ocorrendo, porém é necessário promover mudanças profundas, o que envolve os professores, os processos de formação e a organização das licenciaturas, bem como as políticas públicas e a mobilização da sociedade.

No que tange o ensino de Arte na educação básica, a premissa acima reverbera nos desafios trazidos, primeiramente, pela legislação atual, na qual a Arte consiste em um único componente curricular que abriga diferentes áreas artísticas. O professor responsável, no entanto, possui formação em apenas uma dessas áreas, formação essa a cargo das licenciaturas específicas (Artes Visuais, Dança, Música, Teatro). Em torno disso, se desenrola toda a problemática de uma legislação ambígua, que fomenta concursos, contratações e currículos não raro equivocados, e que, por vezes, suscita a polivalência, considerada uma “questão não resolvida” no ensino de Arte no Brasil, conforme Oliveira e Penna (2019).

Segundo as autoras, diversos estudos apontam que concursos com caráter polivalente continuam a ser realizados, ao mesmo tempo em que há, em redes municipais que já realizam concursos específicos, “professores que mantêm práticas polivalentes, ministrando conteúdo das quatro áreas artísticas – artes visuais, dança, música e teatro” (Oliveira; Penna, 2019, p. 2). A realidade descrita sugere que, mesmo considerando os avanços – e, também, as contradições, ou até mesmo retrocessos - na legislação e nos documentos curriculares de referência, parâmetros e bases, são perceptíveis as lacunas e incertezas quanto à efetivação das áreas das artes nos currículos, assim como em relação à formação docente especializada.

O enfrentamento dessa situação passa, primeiramente, por repensar o papel da Arte na educação básica, bem como rever a formação docente voltada para este propósito. Para tal, há que se desenvolver investigações em torno de propostas que qualifiquem os processos de formação e capacitem a atuação de professores diante da atual configuração do ensino artístico nas escolas. Mas, ao mesmo tempo, que contribuam para transformar este cenário,

desenvolvendo proposições inovadoras de caráter metodológico e artístico-criativo, que estimulem o fazer e o pensar a Arte em suas relações com o mundo atual.

Propostas de caráter interartes, inseridas na formação dos professores de Artes Visuais, Dança, Música e Teatro, poderiam atender “prescrições legislativas destinadas a Educação Básica” (Cunha; Lima, 2020, p. 97), mas, principalmente, viabilizar

a formação de um docente capacitado para compreender mais intensamente a produção artística contemporânea e desenvolver com os alunos um ensino menos tecnicista, que privilegia a criatividade e os contextos socioculturais da Arte contemporânea. (Cunha; Lima, 2020, p. 97)

Dentro da ideia schaferiana de “ponto de encontro” entre as artes e da não “fragmentação do *sensorium*” (Schafer, 1991, p. 290), optamos por constituir um grupo de estudos e pesquisas formado por professores das diferentes áreas artísticas com a intenção de estabelecer parcerias e apoio mútuo em prol da valorização da Arte como campo de conhecimento e da expansão de seu espaço no meio educacional. Em direção oposta à concepção de polivalência, o grupo tem como propósito compartilhar experiências e o potencial dos diferentes campos artísticos presentes, buscando um processo de pesquisa de estrutura interativa, em intercâmbio de saberes.

Experiências interartes na educação básica

Algumas experiências em comum partilhadas entre docentes de diferentes áreas artísticas da UFMG em programas como o Pibid e Residência Pedagógica, bem como em projetos de Iniciação Científica, estimularam, gradativamente, a ideia de um coletivo na universidade. Algumas destas práticas e oficinas, consideradas como pontos geradores que contribuíram para a criação do Grupo NÓ(S), serão apresentadas a seguir.

PIBID Artes (UFMG, 2018-2024): Parte dos integrantes do Grupo NÓ(S) atua no Pibid – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência¹ – em subprojetos configurados na proposta interartes. Nesse contexto de formação, a interação entre as áreas artísticas é constituída, primeiramente, pela participação de docentes e discentes das

¹ O Pibid é um programa que promove a imersão escolar de estudantes de licenciatura, envolvendo docentes do ensino superior (orientadores) e docentes da educação básica e pública (supervisores). Constitui “uma iniciativa que integra a Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação e tem por finalidade fomentar a iniciação à docência, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação de docentes em nível superior e para a melhoria de qualidade da educação básica pública brasileira”. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/pibid/pibid>. Acesso em: 29 jun 24.

licenciaturas em Artes Visuais, Dança, Música e Teatro da UFMG em trabalho conjunto com docentes da educação básica que também atuam em alguma destas áreas. Desse modo, a concepção de campos de conhecimento compartilhados já se estabelece na própria configuração do grupo, que recebe pessoas com diferentes formações e esferas de atuação.

Para viabilizar o trânsito de saberes, além do trabalho desenvolvido nas escolas públicas, de acordo com os pressupostos do Pibid, é fundamental a realização de encontros com toda a equipe, voltados para planejamento, avaliação, ação-reflexão. Nesses encontros, ocorridos semanalmente na universidade, são também promovidas práticas provenientes das diferentes áreas artísticas, com o intuito de familiarização, trocas de experiências e desenvolvimento de meios de interação, tanto de caráter interpessoal quanto artístico-criativo.

Na relação educação básica/educação universitária, a opção é por um trabalho horizontalizado evitando-se uma proposta pré-determinada e unilateral por parte da universidade ou que seja realizada de forma apartada da dinâmica escolar². Assim, tendo como ponto de partida o que o/a docente da educação básica já desenvolve em seu planejamento escolar, novas e outras proposições vão sendo coletivamente construídas, como nos exemplos de práticas descritas a seguir.

Esculturas sonoras: consistiu na criação de esculturas sonoras por estudantes do 7º ano do ensino fundamental inspiradas no trabalho do artista Walter Smetak. Com o emprego de material de reciclagem, o objetivo foi proporcionar novos códigos de significação aos objetos do cotidiano ao serem reconfigurados em composições plásticas e sonoras. Foram também produzidos registros fotográficos e gravação de áudios voltados para a catalogação imagética e sonora das peças criadas. Para uma mostra realizada no evento III Seminário Institucional de Iniciação à Docência PIBID UFMG, além da exposição de algumas das esculturas sonoras (Figura 1), computadores com fones de ouvido foram disponibilizados para apreciação do catálogo de sons-imagens referente às peças criadas³.

² Esse pensamento se coaduna com Nóvoa (2019), que propõe uma “casa comum”, um “campo estimulante” voltado para a formação docente e conhecimento profissional que alinhe professores, universidade e escolas das redes de ensino sem hierarquização do sistema de saberes (Nóvoa, 2019, pp. 8; 14).

³ Projeto desenvolvido a partir do trabalho do professor Cláudio dos Santos no Centro Pedagógico da UFMG.

Figura 1 – Esculturas sonoras expostas na mostra Pibid Artes - III Seminário Institucional de Iniciação à Docência PIBID UFMG



Fonte: Acervo do Pibid Artes UFMG

Projeto Bonecos: desenvolvido no ensino remoto com estudantes do 3º ano do ensino fundamental. A partir de uma oficina de construção de bonecos ministrada por estagiárias de Artes Visuais, os bolsistas Pibid da área de Teatro desenvolveram aulas sobre as características e as técnicas das diferentes modalidades de “teatro de bonecos” (marionetes, fantoches, bonecos de vara, teatro de sombras etc), estimulando as crianças, em uma etapa seguinte, a criar uma identidade e uma biografia para o boneco anteriormente criado, transformando-o, a partir de então, em personagem-boneco. Ao ganhar “vida”, os personagens-bonecos se tornaram protagonistas de narrativas, de cenas e de vídeos desenvolvidos em aulas subsequentes. Estas aulas também receberam a contribuição de bolsistas das áreas de Dança e de Música que desenvolveram improvisações e criações, nas quais a sonorização desencadeava diferentes possibilidades de movimentação dos bonecos, ou, ao contrário, seus movimentos gerando diferentes possibilidades de som, alimentando, assim, as cenas criadas⁴.

⁴ Projeto desenvolvido a partir do trabalho do professor supervisor Paulo Henrique Alves no Centro Pedagógico da UFMG.

Figura 2 – Projeto Bonecos: aula no ensino remoto



Fonte: Acervo do Pibid Artes UFMG

Consideramos a ação criadora e mobilizadora como essencial para os processos de formação docente. Os relatórios dos licenciandos, bolsistas do Pibid, por exemplo, indicam que a experiência vivenciada com a arte no ambiente escolar proporcionou uma experiência rica, desafiadora e transformadora, um “despertar para diversas questões, muitas delas sem respostas prontas”, proporcionando a “confiança pra (*sic*) não depender somente de um mapa de aula”.

O trabalho de caráter interdisciplinar e interartes também se mostrou um desafio em muitos momentos para os licenciandos, porém, um “pensar além”, que significou entender novas possibilidades, com relação ao “potencializar o artista que existe no aluno”, quanto na própria descoberta de si mesmo como educador e artista: “Aprendi sobre educação, sobre dança, arte, mas também sobre o mundo, a sociedade, o ser humano e aprendi muito sobre mim também”.

OuverLab: Música no Ensino Médio (PIBIC CNPq/ UFMG, 2022-2023): O projeto foi realizado em duas escolas públicas de Belo Horizonte, no formato de oficinas para alunos do Ensino Médio, voluntária. Com equipe composta por cinco graduandos de Música, por um compositor (Rogério Vasconcelos Barbosa, UFMG) e uma compositora (Lourdes Saraiva, UDESC), o objetivo do projeto foi avaliar o potencial da escuta criativa interartes para a compreensão musical e para o desenvolvimento dos processos criativos dos jovens.

A palavra *Ouver* (atribuída a obra de Haroldo de Campos), caracteriza-se pelo diálogo entre a palavra, o som e a imagem. A escolha desse nome aproxima-se do conceito de escuta criativa proposto, uma vez que o projeto propõe a escuta e a criação por meio do diálogo com outras linguagens artísticas (visuais, corporais, cênicas e/ou poéticas). Além dos aspectos

interartes impregnados na escuta, parte-se da perspectiva de que a criação pode ampliar essas escutas, uma vez que pode ocupar o papel de mediadora entre sujeito e obra de arte, não apenas como ponte, mas como proposições mediadoras, como um convite para “vermos vendo, sentirmos sentindo, percebermos pensando” (Celeste, 2015, p. 260).

Neste projeto parte-se do pressuposto de que a escuta é também um “ato de criação”, uma vez que o “ouvinte” é considerado um “musicista-compositor” (Cage, 2013). Os aspectos musicais e imagéticos presentes nas obras dos compositores participantes do projeto e nas obras conceituais de variados artistas, tiveram a função de provocar inquietações, estranhezas, dúvidas, despertar curiosidade e a criatividade dos alunos, bem como, serviram de elementos mediadores para as atividades de escuta e criação musical.

Embora o projeto não tenha tido a participação de professores dos outros campos das artes, a proposta contemplou a natureza interartes da linguagem musical: “a possibilidade de o mundo sonoro remeter o ouvinte a um outro conteúdo que não o musical” (Caznok, 2008, p.22).

Apresentaremos duas atividades desenvolvidas no projeto: a primeira tratou-se de um jogo de improvisação para a escuta da peça *aguagua* (Barbosa, 2022)⁵, e a segunda, uma proposta de criação coletiva sobre temáticas do cotidiano.

Jogo da água: tendo a água como material sonoro, o jogo utilizou-se dos elementos imagéticos propostos nos quatro movimentos da peça *aguagua* - água corrente; sons de água; tambores na água; gotas pingando - como regras para a criação. Após a escuta das sequências gravadas, discutimos sobre a presença dos elementos imagéticos na criação; os critérios para estruturação das sequências, a relação entre a criação coletiva e a obra, percepção dos elementos musicais da obra a partir da improvisação.

⁵ Disponível em <https://youtu.be/w6AkLFqEq6A?si=SkV0bTyjOnnwAQhy>
https://youtu.be/mz0Ph6xpJ44?si=faGC_7V4KWbg9Ozo Acesso: 15/08/2024.

Figura 3 – Jogo da água



Fonte: Acervo do Projeto OuverLab: Música no Ensino Médio (PIBIC CNPq/ UFMG)

O que te importa? - Criação coletiva: obras de arte conceituais⁶ foram o ponto de partida para a criação coletiva dos estudantes. Após a discussão sobre as obras, questionamos: Esses temas importam a vocês? A quem importa? Quais temas são importantes para vocês? Os alunos elencaram a temática sobre a violência - violência contra os animais e violência simbólica na escola – as quais deram origem a duas criações:

Gatos: criação estruturada em 3 movimentos – Orelhas, Barriga e Cauda - contemplou teatro de sombras, gravações de sons de gatos e poesia. Esse tema surgiu frente ao fato de que muitos gatos que habitavam o espaço da escola haviam sido envenenados.

⁶ Ice Watch (Olafur Eliasson, 2014). Disponível em <https://olafureliasson.net/artwork/ice-watch-2014/>
Rios Enclausurados (Fernando Ancil e Marco Scarassatti – 2013). Disponível em: <https://vimeo.com/85915363>
Metade da Fala no Chão - Piano Surdo (Tatiana Blass, 2010). Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=eFDtbU5NUI4&t=2s> Acesso: 15/08/2024.

Figura 4 – Gatos



Fonte: Acervo do Projeto OuverLab: Música no Ensino Médio (PIBIC CNPq/ UFMG)

Piano Mudo: “Se esse piano pudesse falar, o que ele diria?” Essa provocação surgiu a partir de um piano que estava em um canto do auditório da escola, em estado de péssima conservação. A criação de “Piano Mudo” foi estruturada em um único movimento, composto pela seguinte sequência: *Canção de despertar piano... Silêncio! O piano desperta... Sinal sonoro: Fim da aula! Piano Mudo...*

Figura 5 – Piano Mudo



Fonte: Acervo do Projeto OuverLab: Música no Ensino Médio (PIBIC CNPq/ UFMG)

Os resultados do projeto OuverLab ressaltaram a importância das escutas para o processo criativo, e das criações para os processos de escuta. As propostas de escuta criativa empreendidas no projeto demandaram habilidades de escutar o outro e a si mesmo. Como analisou uma estudante do projeto: “Eu percebi uma evolução do som dos primeiros ensaios para a música final do vídeo. (...) Acho que isto é porque as pessoas foram evoluindo em cada ensaio. Teve uma conexão melhor entre elas.”

Os repertórios trabalhados nas oficinas desempenharam um papel importante nos processos de criação, uma vez que elementos como água, ritmos do mar, da chuva, das gotas, dos faróis que guiam os marinheiros, do farfalhar das conchas quando pisadas ou sacudidas dentre as mãos, serviram como metáforas para a abertura de outras escutas, reflexões e imaginação sonoras: “depois da atividade com água, quando tem uma panela na pia... Por exemplo, tá pingando, aí tem hora que pinga na borda da panela, tem hora que pinga só na água, tem hora que eu coloco uma colher embaixo, coloco a colher na água e faz outro som”.

A escuta criativa proposta no projeto não desconsidera a necessidade do desenvolvimento da capacidade de abstração para a aprendizagem da linguagem musical, mas entende que toda abstração está relacionada com algo além do sonoro, como quando, por exemplo, buscamos palavras para exprimir o sentido da música que ouvimos, tocamos ou criamos. Colocar a música em diálogo com as linguagens corporais, visuais, cênicas, poéticas, cinematográficas, pressupõe ampliar os aspectos expressivos do fazer musical, e ainda, retornar à “vocação” dos processos criativos para “a abertura à interdisciplinaridade” (Lopes da Silva; Barbosa, 2017).

A concepção do Grupo NÓ(S)

Como mencionado anteriormente, as experiências acima demonstradas estimularam a criação do Grupo NÓ(S), e as reflexões envolvidas neste processo se conectam com as questões trazidas pela pesquisadora Luciana Loponte: “Há espaço para criação e invenção na docência?”, “A arte apenas conforta ou também pode perturbar, provocar, deslocar formas de pensar?”, “Que ético/estético é possível para a docência na educação básica?”, “Nossas práticas pedagógicas podem despertar novas experiências de criação em nossos alunos?” (Loponte, 2014. p. 645; 646; 654). A pesquisadora considera que, embora haja avanços teóricos nos campos da arte e da educação, na hierarquia curricular escolar a arte é de certa forma marginalizada como área de saber.

Muitas vezes a arte que entra na escola é uma “arte” consoladora, confortável, edulcorada, descafeinada, presente em decorações de datas comemorativas, recurso para outras disciplinas, pecinhas e musiquinhas para mostrar aos pais e mães, cópias de girassóis de Van Gogh ou releituras apressadas do Abaporu de Tarsila do Amaral pelas paredes e tudo o mais que a criatividade “pedagógica” permitir (Loponte, 2014, p. 646).

Em consonância com as indagações de Loponte, as ações do grupo NÓ(S) se pautam, primeira e fundamentalmente, pelo ato de criação. Seja em experimentações de menor porte, seja em projetos formalmente delineados, observando a potencialidade e a capacidade mobilizadora que o fazer criativo proporciona no contexto educacional.

Com relação aos processos interartes que perpassam as ações do grupo, Fernandino (2021) ressalta que as artes, em sua trajetória, sempre mantiveram contatos e trocas entre si, principalmente no contexto da arte contemporânea, em que fronteiras foram rompidas quebrando a rigidez formal, contribuindo para o conceito de campo expandido na Arte (Archer, 2001, p. 61). Clüver (1997) descreve os estudos interartes como a combinação e a fusão de diferentes meios e sistemas de signos, indicando a preparação de “ferramentas e a formação necessária à nova geração” potencializando-a para “lidar com a maior parte da criação artística do nosso tempo” (Clüver, 1997, p. 54).

Segundo Kandinsky (2018):

Cada arte tem sua própria linguagem, isto é, o meio que é exclusivamente seu. Desta forma, cada arte é um espaço fechado, tem vida própria; é um império fechado. Por essa razão, os meios das diferentes artes são diferentes externamente: o som, a cor, a palavra. Na parte mais profunda de seu interior, no entanto, esses meios são totalmente idênticos: o objetivo final apaga as diferenças externas e descobre a identidade interna. [...] O propósito dos diferentes meios de arte é a provocação do processo mental indefinido e definido ao mesmo tempo [...] O meio escolhido como apropriado pelo artista é uma forma material de sua vibração mental, que ele é levado a expressar. (Kandinsky, 2018, p. 44 *apud* Cunha e Lima, 2020, p. 107, tradução das autoras)

Contudo, muito embora a criação artística tenha por vocação a abertura à interdisciplinaridade e, por conseguinte, venha reivindicando dos pesquisadores perspectivas metodológicas e conceituais provenientes do diálogo entre as diferentes áreas do conhecimento ou mesmo entre as suas subáreas, ainda são raras as pesquisas e/ou propostas metodológicas de ensino em que tais perspectivas são colocadas em diálogo (Lopes da Silva e Assis, 2017).

A compreensão do objeto de conhecimento de cada linguagem artística, bem como das diferentes perspectivas epistemológicas e metodológicas de seus processos de ensino e aprendizagem na educação básica, possibilitará a promoção de diálogos consistentes e necessários para a ampliação e melhoria da formação e atuação dos professores de Artes Visuais, Dança, Música e Teatro. Por meio da construção de metodologias compatíveis com o pensamento da arte contemporânea, pretende-se experimentar novas possibilidades para o

ensino da arte na escola, abandonando a ideia de polivalência, mas ao mesmo tempo propiciando uma maior dinâmica de interação entre as áreas envolvidas.

Nesse sentido, o Grupo NÓ(S) objetiva promover pesquisas sobre as diferentes áreas artísticas e as relações entre elas; discutir e propor ações voltadas para a formação de professores de Arte; investigar perspectivas metodológicas e processos de ensino e aprendizagem na área de Artes; integrar pesquisadores das diferentes áreas artísticas e da educação de instituições brasileiras e estrangeiras em projetos de pesquisa comuns; promover pesquisas sobre o estado da arte da área de Artes na educação básica; estabelecer vínculos entre ensino, pesquisa e extensão e entre alunos dos cursos de Graduação e Pós-graduação, bem como, entre universidade e educação básica; construir ferramentas de avaliação e construção das políticas públicas de educação dos 1º, 2º e 3º setores.

No alcance de seus objetivos, o grupo foi estruturado em três eixos que buscam contemplar a formação e a atuação de professores de Artes/Música na educação básica:

Artes em diferentes contextos de educação: Perspectivas de formação e atuação docente: contempla estudos sobre a formação inicial e continuada de professores, saberes e práticas artísticas na formação e atuação docente, currículos dos cursos de formação de professores do campo das artes, e ainda proposições contemporâneas e inclusivas de caráter metodológico e artístico-criativo, que estimulem o fazer e o pensar as artes em suas relações com o mundo atual;

Epistemologias e metodologias para o ensino e aprendizagem de artes: abarca abordagens, epistemologias, perspectivas e metodologias contemporâneas para o ensino-aprendizagem das artes na educação básica e em outros espaços educacionais e formativos. Interessa-se por diferentes formas de pensar, criar, investigar, inventar, fazer, ensinar e aprender arte e a própria educação no mundo contemporâneo;

Pesquisa autobiográfica como processo reflexivo para a formação do professor/artista: investiga o ateliê como processos de criação de ensino/aprendizagem em arte na perspectiva autobiográfica, narrativas de si e história de vida e propõe um diálogo com as experiências estéticas e com a memória. Parte-se da ideia de experiência de si com a Arte e com a Educação, entrelaçando exercícios de reconhecimento nos processos de narrar, rememorar, desenhar, falar, escrever, manifestar-se corporalmente, esteticamente e artisticamente.

Tomando os dizeres de Diederichsen (2019), o grupo aposta em um “devir-arte, uma estética da existência, um acreditar na possibilidade do mundo e de maneiras outras de pesquisar, educar e viver” e acredita na interação entre as linguagens artísticas que “delineiam diferentes modos de expressão, plasmam o mundo de diferentes maneiras, plasmam diferentes

mundos”. (Diederichsen, 2019, pp. 65;74). Esse pensar se relaciona não somente a caminhos e concepções artísticas de seus integrantes, mas à convicção de que a Arte no contexto educacional pode desenvolver maior alcance e comunicação com os modos de ser do mundo contemporâneo.

Considerações Finais

“É pesquisa. É experiência-exercício. É insurgência. É trabalho de professoras e professores.” (Bellochio, 2023, p.14)

Este trabalho apresentou o Grupo NÓ(S) como um grupo de pesquisa e coletivo de artistas, professores e estudantes, demonstrando suas perspectivas, proposições e algumas práticas e projetos desenvolvidos.

A importância da experimentação criativa como parte do processo artístico e de pesquisa dos professores do grupo de pesquisa constitui o cerne do trabalho, o que se irradia nas práticas pedagógicas e nas propostas de formação docente desenvolvidas. Tudo isso em conexão com a responsabilidade da universidade para com a educação básica, pública e de qualidade.

Os eixos formativos que compõem as linhas do Grupo de Pesquisa, deixam claro o interesse de seus pesquisadores por trabalhos que visem a construção de proposições contemporâneas e inclusivas de caráter metodológico e artístico-criativo, que estimulem o fazer e o pensar as artes em suas relações com o mundo atual, considerando diferentes formas de pensar, criar, investigar, inventar, fazer, ensinar e aprender arte. Pressupondo que o professor de Artes é também um professor-artista, em nosso estudo, a aula de Música, Teatro, Dança e Artes Visuais na educação básica é concebida a partir da perspectiva do ateliê e dos processos de criação artística.

Em função disso, e em prol da expansão e aprofundamento dos estudos do grupo, está em fase de gestação o licenLab, um laboratório de Artes Integradas para o desenvolvimento de metodologias compatíveis com o pensamento da arte contemporânea, criando, assim, novas possibilidades para o ensino de arte na escola por meio da integração entre as diferentes linguagens artísticas.

Nesse sentido, buscamos ser professores-artistas-pesquisadores que se arriscam, experimentam, pois acreditam que o ensino de artes deva ser proposto por meio de uma didática de invenção. Didática essa que só é possível de acontecer quando nos tornamos “sujeitos da

experiência”, que nada mais é do que um sujeito “exposto por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura, (...) por uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção (...)” (Larrosa Bondía, 2002, p.24).

Referências

ARCHER, Michael. *Arte Contemporânea: uma história concisa*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 276p.

BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro. É pesquisa. É experiência-exercício. É educação. É insurgência. É trabalho de professores e professoras. In. BEINEKE, Viviane (Org.) *Educação Musical: Diálogos insurgentes*. São Paulo: Editora Hucitec, 2023. Apresentação, p. 13-17.

CAGE, John. *De segunda a um ano*. 2. ed. São Paulo: Cobogó, 2013. 208p.

CAZNOK, Yara. *Música: entre o audível e o visível*. São Paulo: Editora UNESP, 2008. 400p.

CELESTE, Mirian. Mediações culturais e contaminações estéticas. *Revista GEARTE*, Porto Alegre, v. 1, n. 3, p. 248-264, 2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/52575>. Acesso em: 30/06/2024.

CLÜVER, Claus. Estudos interartes: conceitos, termos, objetivos. *Literatura e sociedade*, São Paulo, v.2, n.2, p. 37-55, 1997.

CUNHA, Daiane Solange S.; LIMA, Sonia Albano de. A interligação da polivalência com a interdisciplinaridade e o ensino integrado das artes. *Revistamúsica*, v. 20, n.1, p. 97-120, jul 2020.

DIEDERICHSEN, Maria Cristina. Pesquisa Baseada em Arte: criações poéticas desdobrando mundos. *Palíndromo*, v. 11, n. 25, p. 64-84, set - dez 2019.

FERNANDINO, Jussara. A música em diálogo interartes no Pibid UFMG. In: CONGRESSO NACIONAL DA ABEM, XXV, 2021. *Anais...*p. 1-13. Disponível em: <https://abem.mus.br/anais-congresso/v4/>

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 20-29, jan/fev/mar/abr, 2002.

LOPES da SILVA, Helena; BARBOSA, Rogério V. Escuta (cria)tiva: Propostas para o desenvolvimento da escuta musical na educação básica. *Foro de Educación*. Barcelona, v. 15, n. 22, p. 1-23, enero, junio, 2017.

LOPES da SILVA, Helena et.al. OuverLab: Escuta Criativa no Ensino Médio In: CONGRESSO NACIONAL DA ABEM, XXVI, 2023, Ouro Preto, MG. *Anais...* p. 1-14. Disponível em: https://abem.mus.br/anais_congresso/V5/papers/1695/public/1695-7274-1-PB.pdf



LOPES da SILVA, Helena. “É tipo assim, música não só se ouve, se sente”: escutando criativamente na escola. In. BEINEKE, Viviane (Org.) *Educação Musical: Diálogos insurgentes*. São Paulo: Editora Hucitec, 2023. Capítulo, p. 141-160.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Arte contemporânea, inquietudes e formação estética para a docência. *Educação e Filosofia*. Uberlândia, v. 28, n. 56, p. 643-658, jul./dez. 2014.

NÓVOA, António. Os Professores e a sua Formação num Tempo de Metamorfose da Escola. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 44, n. 3, p. 1-15, 2019.

OLIVEIRA, Olga A.; PENNA, Maura. Impasses da política educacional para a música na escola: Dilemas entre a polivalência e a formação específica. *Revista Vórtex*. São Paulo, v.2, n.7, p.1-29, 2019. Disponível em <https://doi.org/10.33871/23179937.2019.7.2.2879> Acesso em: 30/06/2024.

SCHAFFER, Murray R. *O ouvido pensante*. São Paulo: Editora da Unesp, 1991. 399 p.